

# MONTAIGNE O FILÓSOFO DA VOLÚPIA

ANA PAULA MANOEL FELIPE \*

## RESUMO

O texto visa analisar o ensaio “Da experiência” com ênfase na crítica indireta ao estoicismo e a conclusão das críticas atribuídas à razão em conformidade com o ensaio “Apologia de Raymond Sebond”. Destaca-se o problema da experiência versus razão realçando a dificuldade de que a experiência não é capaz de bastar por si mesma, da mesma maneira que a razão sem o apoio da experiência não é confiável. Outro ponto importante em sua filosofia que se destaca no ensaio é o papel do autoconhecimento, pois a experiência depende do que você faz com ela, ninguém é sábio apenas por possuir experiência, mas sim por saber utilizá-la de maneira sábia. Por fim, Montaigne parece criticar o estoicismo em virtude do grande valor que atribui aos seus desejos, às suas propensões e ao conferir um valor positivo à voluptuosidade.

## PALAVRAS-CHAVE

Razão. Experiência. Volúpia. Autoconhecimento. Moderação.

## ABSTRACT

The text aims to analyze the essay “Of Experience” with an emphasis on the indirect critique of Stoicism and the conclusions drawn regarding the criticisms attributed to reason, in accordance with the essay “Apology for Raymond Sebond.” The problem of experience versus reason is highlighted, focusing on the difficulty that experience alone is insufficient, just as reason without the support of experience is unreliable. Another important point in Montaigne’s philosophy, emphasized in the essay, is the significance of self-knowledge, as experience depends on what one does with it. No one becomes wise solely through possessing experience but rather by using it wisely. Lastly, Montaigne seems to criticize Stoicism due to the great value he places on desires, inclinations, and attributing a positive value to voluptuousness.

## KEYWORDS

Reason. Experience. Voluptuousness. Self-knowledge. Moderation.



## INTRODUÇÃO

A proposta do presente texto é pensar o ensaio 13 do livro III de *Os Ensaíos*, de Montaigne, como uma crítica indireta ao estoicismo ao atribuir um valor positivo à voluptuosidade. O texto em questão trata-se do último ensaio de sua obra, no qual se destaca o que é conhecido como seu método e o desenvolvimento de sua concepção de sabedoria. A experiência constitui um valor significativo para Montaigne, tendo em vista os perigos e as artimanhas da razão, que são apresentados no ensaio intitulado “Apologia de Raymond Sebond” onde ele critica às três vaidades do homem, conhecidas como vaidade antropocêntrica, que corresponde à não superioridade do homem em relação aos animais que o cercam, vaidade da ciência, que se refere à ciência que o homem valoriza equivocadamente

\* Graduada em Filosofia na Universidade Estadual de Londrina – UEL.

e, por fim, vaidade da razão como instrumento da ciência. O ensaio “Da experiência” pode ser apontado como a conclusão das críticas atribuídas à razão no ensaio 12 do livro II que em harmonia com a valorização da experiência expressam sua concepção de sabedoria.

### **1 EXPERIÊNCIA VERSUS RAZÃO**

Montaigne inicia o ensaio “Da experiência” propondo que não existe desejo mais natural que o conhecimento e que experimentamos diversos meios para alcançar esse desejo. Dentre eles, quando nos falta a razão, costumamos empregar a experiência como método eficaz na busca pelo conhecimento. Porém, reconhece que apenas a experiência não é suficiente, mas pode até mesmo ser vista como um “meio mais fraco e menos digno” (Montaigne, 2009, p. 423). Da mesma maneira que a razão possui variadas formas, a experiência também pode apresentar-se de modos distintos, o que dificulta o nosso discernimento.

É relevante ter em mente a crítica proposta por Montaigne na “Apologia de Raymond Sebond”, na qual é sugerida uma crítica às três vaidades do homem, conhecidas como: vaidade antropocêntrica, que corresponde à não superioridade do homem em relação aos animais que o cercam; vaidade da ciência, que se refere à ciência que o homem valoriza equivocadamente; e, por fim, vaidade da razão como instrumento da ciência. Portanto, Montaigne suspeita de todos os pressupostos racionais e valoriza a experiência, o que caracteriza seu método de buscar o conhecimento, além disso, a importância do eu e da moderação também se sobressaem como elementos importantes em seu método de fazer filosofia.

Tanto a experiência quanto a razão podem revelar-se de formas diferentes, o que implica uma grande divergência de opiniões sobre uma mesma coisa, pois, segundo Montaigne, “nunca dois homens julgaram da mesma forma sobre a mesma coisa, e é impossível ver duas opiniões exatamente iguais, não apenas em diversos homens, mas no mesmo homem em diversas horas” (Montaigne, 2009, p. 426). De acordo com isso, Montaigne denuncia, ainda, a presunção do ser humano, que faz com que ele se contente com o que ele mesmo conclui ou até mesmo com o que os outros determinam como verdadeiro conhecimento, uma vez que “alguém mais inteligente não se contentará” (Montaigne, 2009, p. 428). Logo, a sabedoria consiste em sempre duvidar e nunca se dar por satisfeito, ou seja, um homem de espírito generoso alimenta-se do espanto, da caçada e da ambiguidade e não se apressa em estipular algo como uma verdade irrefutável.

Há mais dificuldade em interpretar as interpretações do que em interpretar as coisas, e mais livros sobre os livros do que sobre outro assunto: só o que fazemos é nos glosarmos mutuamente. (Montaigne, 2009, p. 428).

Isso posto, a consequência dessa atitude do ser humano, de crer complementarmente na sua racionalidade e não questionar as verdades estabelecidas, conforme Montaigne, leva-nos à forma de justiça que nos rege, que possui tantos erros e tantas contradições, que pode ser considerada um testemunho de fraqueza humana. Para esclarecer essa ideia, ele nos traz o exemplo dos camponeses que se depararam com um evento trágico:

Camponeses acabam de vir avisar-me às pressas que deixaram agora mesmo numa floresta que é minha um homem machucado por cem golpes, que ainda respira e que lhes pediu água por piedade e ajuda para levantar. Dizem eles que não ousaram aproximar-se e fugiram, de medo que os homens da justiça os surpreendessem ali e, como acontece com os que são encontrados perto de um homem morto, tivessem de prestar contas daquela ocorrência, para sua total ruína, por não terem capacidade nem dinheiro para defender sua inocência. Que lhes poderia eu dizer? É certo que esse serviço humanitário os teria posto em apuros. (Montaigne, 2009, p. 431).

Ao afirmar “o que eu lhes poderia dizer?”, Montaigne parece propor que, por mais condenável que seja abandonar um ser humano que necessite de ajuda, como ele mesmo poderia reprimir os camponeses por fazê-lo? Levando em conta a injustiça que poderia resultar desse ato humanitário. E por que a injustiça acontece? “Quantos inocentes descobrimos que foram punidos — quero dizer sem culpa dos juízes — e quantos há que não descobrimos?” (Montaigne, 2009, p. 431). Esse tipo de injustiça parece resultar dessa fraqueza humana de pressupor algo como verdadeiro sem antes questionar de maneira adequada e pensar nas possíveis interpretações e consequências daquilo que denunciam como

verdade. Aparenta ser muito mais fácil culpar como assassino quem se encontra ao lado do corpo morto, mesmo existindo evidências de que poderia tratar-se apenas de uma ajuda humanitária, do que ter de procurar o assassino pela cidade, quando o mais óbvio e verdadeiro parece presumir que quem se encontra na cena do crime é o culpado. É justamente essa presunção do homem de crer absolutamente em sua verdade supostamente encontrada por meios racionais que Montaigne denuncia, pois “quantas condenações já não vi mais criminosas que o crime?” (Montaigne, 2009, p. 432).

Em seguida, Montaigne protesta contra o que ele chama de ideias antigas, nas quais se justifica fazer o errado para alcançar a finalidade correta, como se os meios errados justificassem um fim justo, tendo em vista que tudo que é útil poderia ser classificado na mesma medida, como justo e honesto. Para ele, os estoicos afirmavam que a natureza procede contra a justiça na maioria das suas obras, isto é, esse argumento parece explicar as injustiças feitas por um bem maior, o que aparentemente vai contra o que Montaigne acreditava ser justificável.

Montaigne manifesta seu descontentamento com as leis, que, segundo ele, somente possuíam seu prestígio por serem leis, e não por serem necessariamente justas. Denuncia a capacidade dos que fazem as leis e suas verdadeiras intenções por trás destas, que de maneira alguma parecem ter o objetivo de implantar a justiça entre os homens.

Isso lhes é muito proveitoso, frequentemente são feitas por tolos, mais frequentemente por pessoas que devido à aversão pela igualdade têm falta de equidade, porém sempre por homens — autores vãos e incertos. Não há nada tão ampla e gravemente faltoso como as leis, nem tão habilmente. Quem lhes obedece porque são justas não lhes obedece justamente pelo que deve. (Montaigne, 2009, p. 434)

## **2 A EXPERIÊNCIA NÃO BASTA POR SI MESMA**

Em vista disso, Montaigne salienta que o fruto que se obtém da experiência não é capaz de nos ensinar por si mesmo, a experiência, sozinha, dificilmente servirá para nos ensinar alguma coisa, ou seja, para que tiremos um bom proveito da experiência, devemos fazer um bom proveito dela sobre nós mesmos. O autoconhecimento parece ser o elemento de fundamental importância para que saibamos usar a experiência como meio de aprendizado, pois esta por si só, não basta, afinal, de que adianta a experiência se eu não sou capaz de interpretá-la e de usá-la ao meu favor? Assim sendo, Montaigne professa: “estudo a mim mesmo mais do que a outro assunto. Essa é a minha metafísica, essa é a minha física.” (Montaigne, 2009, p. 434).

O eu é o objeto de estudo de Montaigne, e conhecer a si mesmo é o seu método de fazer filosofia. Desse modo, a experiência que temos de nós mesmos, de acordo com Montaigne, é o suficiente para fornecer-nos uma determinada sabedoria. Isso acontece porque, por meio da experiência, podemos aprender e identificar coisas sobre nosso próprio eu, deixando-nos assim, mais próximos de identificar nossos próprios erros e de repará-los no futuro. Por exemplo:

[...] quem guarda na memória seu excesso de cólera passado e até onde essa febre o levou vê a feitura dessa paixão melhor do que em Aristóteles e concebe por ela uma aversão mais justa. Quem se lembrar dos males em que incorreu, dos que o ameaçaram, das frívolas circunstâncias que o moveram de um estado para outro, prepara-se com isso para as mutações futuras e para o reconhecimento da sua condição. (Montaigne, 2009, p. 436).

Como mencionado anteriormente, a experiência, por si só, não é condição suficiente para o verdadeiro conhecimento do eu, mas a disposição de cada um com suas experiências vai definir se aprenderam com elas ou não. Montaigne revela que suspeitar de tudo que presumimos concluir das nossas experiências também constitui uma parte essencial do aprendizado sobre si mesmo, em razão disso, “aprendo a suspeitar de meu procedimento em tudo, e empenho-me em ordená-lo.” (Montaigne, 2009, p. 436).

A recomendação para o conhecimento de si mesmo é de conhecida importância na filosofia, pois, na fachada do templo de Apolo, em Delfos, estava inscrito “Conhece-te a ti mesmo”, frase disseminada por Platão ao escrever sobre seu mestre, Sócrates, preconizando que a sabedoria consiste na execução dessa ordem. Montaigne enfatiza que as dificuldades de cada ciência só são notadas pelos que nelas adentram, isto é, para obter o autoconhecimento, precisamos aprender com nossas experiências, pois “é preciso um certo grau de compreensão também para poder perceber que

ignoramos, e é preciso empurrar uma porta para saber que ela nos está fechada” (Montaigne, 2009, p. 438). Montaigne assevera que, por sua experiência, a ignorância humana caracteriza-se, como a maior escola do mundo. Ele ainda sugere que, quem não quiser aceitar sua opinião, reconheça, então, por Sócrates, o mesmo conselho, admitido por Montaigne como o mestre dos mestres.

### 3 O PAPEL DO AUTOCONHECIMENTO

Montaigne destaca que um dos benefícios de conhecer a si mesmo é, também, conhecer melhor e entender seus amigos, já que, ao levar a vida de maneira estudiosa, analisando seu próprio comportamento e o dos outros, adquire-se conhecimento do que se deve evitar e do que se deve imitar nos outros, conhecendo, assim, suas falhas e suas qualidades. Ressalta que o ser humano possui uma enorme dificuldade em suportar críticas, mesmo de seus amigos, sem ofender-se, e mostra-se um admirável ato de amizade quem ousa empreender tais críticas ao amigo<sup>1</sup>.

São precisos ouvidos muito resistentes para ouvir julgarem francamente a si; e, porque há poucos que o possam suportar sem ofender-se, os que se arriscam a empreendê-lo para conosco mostram-nos um extraordinário ato de amizade; pois é amar integralmente aventurar-se ferir e a ofender para prestar serviço. Acho penoso julgar alguém cujas qualidades más superam as boas. (Montaigne, 2009, p. 441).

Dessa forma, Montaigne usa como exemplo a prova de amizade que se é dada ao criticar alguém em uma elevada posição social, como por exemplo, um rei, pois todos estão sempre ocupados em agradá-lo e não possuem coragem de dizer verdades a uma grande autoridade, muitas vezes por medo da punição, mas um verdadeiro amigo, seria munido de não apenas “muita afeição e liberdade como também coragem” (Montaigne, 2009, p. 443) para cumprir os deveres de uma amizade verdadeira e criticar o amigo quando necessário.

Diante disso, Montaigne parece estar de acordo com Plutarco, que, em seu livro *Como distinguir o bajulador do amigo* garante que o que diferencia o amigo de um bajulador é justamente a coragem de fazer uma crítica pertinente ao amigo, pois o bajulador nunca fortifica a razão, apenas estimula as paixões perigosas. Desse modo, “é preciso, quando entristecemos um amigo, saber ser-lhe útil sem destruir a amizade; a reprovação é como um remédio amargo cuja amargura salutar devolve a saúde ao doente” (Plutarco, 1997, p. 31), enquanto isso o bajulador nunca muda seu tom, quer dizer não sabe resistir nem contradizer o amigo.

Em seguida, Montaigne critica a medicina de sua época e atribui significativo valor para a experiência no exercício da medicina. Chamo atenção para o contexto histórico de sua época, os conhecimentos médicos do século XVI eram limitados se comparados ao avanço científico que presenciamos no século XXI. Montaigne destaca o charlatanismo dos médicos que frequentemente não baseavam seus estudos em evidências científicas e prescreviam remédios absurdos, sem fundamento teórico. À vista disso, a experiência é a melhor arma de um médico, e quem tivesse adquirido uma doença e se curado dela, estaria, assim, mais apto para curá-la do que um médico que nunca tivesse tido contato com a doença. Dessa maneira,

[...] é razoável que eles contraíam sífilis se querem saber tratá-la. Nesse eu realmente confiaria. Pois os outros guiam-nos com quem, estando sentado à sua mesa, descreve os mares, os recifes e os portos e faz um modelo de navio passar por eles com toda segurança. Levai-o para a prática e não sabe como arranjar-se. Fazem de nossas doenças a mesma descrição que faz um pregoeiro público que anuncia sobre um cavalo ou um cão perdido: tal pelame, tal altura, tais orelhas; mas colocai-o diante dele e não o reconhecerá. (Montaigne, 2009, p. 445).

Montaigne avalia os hábitos dos indivíduos de diversas regiões e aponta a relevância de reconhecer que, muitas vezes, algo que em dada cultura pode ser prejudicial é capaz, na mesma medida, de ser uma coisa valorizada por outra cultura possuidora de outros hábitos. Sublinha, ainda, o erro em atribuir como verdade testemunhos escritos, como se possuíssem maior valor de verdade apenas por estarem registrados em um livro. Dessa forma, confere-se dignidade para imbecilidades meramente porque estão registradas em livros, e, segundo o filósofo, isso acontece por conta da vaidade do ser humano, que está sempre buscando a honra na citação, e não na legitimidade do discurso. Assim sendo,

---

1 Ver *Os Ensaios*, livro I, ensaio 28 (Da amizade).

[...] que faremos com esse povo que só aceita testemunhos impressos, que não acredita nos homens se não estiverem em livro, nem na verdade se ela não estiver na idade apropriada? Conferimos dignidade às nossas tolices quando as imprimimos. Para eles tem um peso diferente dizer: “li isto” do que se dizeis: “ouvir falar nisso”. Mas eu, que não descreio mais da boca do que da mão dos homens e que sei que se escreve tão levemente quanto se fala, e que considero este século como um outro passado, invoco tão facilmente um amigo meu quanto Aulo Gélío e Macróbio, e o que vi tanto quanto o que eles escreveram. E, assim como eles sustentam que a virtude não é maior por ser mais longa, da mesma forma considero que verdade, por ser mais velha, não é mais sábia. (Montaigne, 2009, p. 447-448).

Diante da ideia de que a verdade não possui idade apropriada, parece muita presunção do homem crer que a velhice anda, necessariamente, de mãos dadas com a sabedoria. Vauvenargues, em seu livro *Reflexões e Máximas*, parece estar de acordo com Montaigne, quando assegura que,

[...] nem o enfado é um sinal de saúde, nem o apetite, uma doença, muito pelo contrário. Assim pensamos a respeito do corpo. Mas julgamos a alma por outros princípios. Supomos que a alma forte é aquela isenta de paixões; e como a juventude é ardente e mais ativa que a última idade, é encarada como um tempo febril; e situamos a força do homem em sua decadência. (Vauvenargues, 2007, p. 39).

Admito que Vauvenargues talvez tenha sido muito radical em sua máxima ao insinuar que a velhice é considerada a decadência do homem, no entanto, presumir que um indivíduo é sábio exclusivamente porque é velho parece-me um compromisso com o erro. Em um combate de ideias, Cícero se contrapõe, pois, em seu texto intitulado “Saber envelhecer”, ele sugere que a velhice se caracteriza como um estado superior à juventude, por livrar o homem das paixões e da volúpia que têm o potencial de corrompê-lo.

Se o bom senso e a sabedoria não são suficientes para nos manter afastados da devassidão, cumpre agradecer também a velhice por nos livrar dessa deplorável paixão. A volúpia corrompe o julgamento, perturba a razão, turva os olhos do espírito, se posso me exprimir assim, e nada tem a ver com a virtude. (Cícero, 2021, p. 37).

#### 4 A VALORIZAÇÃO DA VOLÚPIA

Posteriormente, Montaigne mergulha em descrições sobre si mesmo, acentuando os costumes e hábitos que permeiam sua vida. Aparenta valorizar um estilo de vida pouco obstinado, porque, para ele, o jovem deve contrariar as regras e não deve viver refém de uma disciplina rígida que o torna escravo de suas próprias obrigações, visto que “não há modo de vida tão tolo e tão fraco como o que se deixa guiar por preceitos e disciplina” (EIII, 13, p. 450). Realça o papel do hábito em seu dia a dia e descreve seus costumes, dado que falar acerca de si mesmo faz parte da maneira como Montaigne elabora sua filosofia. Há quem diga que Montaigne pode ser considerado o filósofo da volúpia, em virtude do grande valor que atribui aos seus desejos e às suas propensões. Conforme ele, não parece sensato condenar a vida a uma disciplina incansável, reprimindo seus próprios desejos e evitando buscar o prazer.

Tanto sadio como doente, facilmente me deixei levar pelos apetites que me pressionavam. Dou grande autoridade a meus desejos e propensões. Não gosto de curar o mal com o mal; detesto os remédios que importunam mais do que a doença. Entre estar sujeito à cólica e sujeito a abster-me do prazer de comer ostras, são dois males por um. A doença agarra-nos, a norma do outro. Já que corremos o risco de nos enganarmos, é melhor nos arriscarmos em busca do prazer. (Montaigne, 2009, p. 455).

Soa-me inevitável a comparação com a concepção de sabedoria de vida proposta por Schopenhauer em sua obra *Aforismos para a sabedoria de vida*, pois, de acordo com ele, a sabedoria de vida consiste na arte da prudência e da astúcia. Montaigne valoriza, de certo modo, a volúpia, enquanto Schopenhauer a condena. Para Schopenhauer, devemos evitar o sofrimento, que geralmente corresponde a essa busca desenfreada pelos prazeres.

Nenhum caminho é mais errado para a felicidade do que a vida no grande mundo, às farras e em festas (*higt life*), pois quando tentamos transformar nossa miserável existência numa sucessão de alegrias, gozos e prazeres, não conseguimos evitar a desilusão; muito menos o seu acompanhamento obrigatório, que são as mentiras recíprocas. (Schopenhauer, 2009, p. 161).

Entretanto, Montaigne admite que a vida não equivale apenas à busca pelo prazer, porquanto a vida também é composta de males e de enfermidades, portanto não devemos opor-nos aos males obstinadamente, na mesma medida em que não devemos sucumbir a eles por frouxidão. O ideal seria suportar os males e compreender que,

[...] é preciso ceder-lhes passo naturalmente, de acordo com a sua condição e com a nossa. Devemos dar passagem às doenças, e acho que elas se demoram menos em mim, que as deixo agir; e acabei com algumas, daquelas que são consideradas mais obstinadas e tenazes, por seu próprio declínio, sem auxílio e sem arte e contra as regras daquela. Deixemos a natureza agir um pouco: ela conhece seus assuntos. (Montaigne, 2009, p. 459).

Em função disso, é preciso suportar o que não podemos evitar. Essa ideia de que a natureza sabe o que faz, proposta por Montaigne, vai de encontro ao que é dito por Sêneca “Se te posso suportar, é uma dor ligeira, se não posso serás uma dor breve” (Sêneca, 2021, p. 91). Montaigne sugere que, se a vida fosse feita somente de prazeres, não seríamos capazes de apreciá-la. Tal como um bom músico precisa conhecer sons opostos, tons diversos, que são agradáveis e ásperos para produzir uma boa música, o ser humano precisa aceitar que a harmonia do mundo é formada por coisas distintas e que não só de prazeres vive o homem.

Em seguida, Montaigne relata, de maneira detalhada, sua experiência com os cálculos renais, doença que permeou sua vida durante vários anos. Ele ressalta que o fato de estar habituado à doença estimula-o a esperar o melhor para o seu futuro, pois, se a dor está insuportável, ela tem grande potencial de melhora, e “não advirá outro acesso pior do que este que estou sentindo” (Montaigne, 2009, p. 465). Penso que é mais fácil crer em uma potencial melhora do que cair em desespero, pois como ele mesmo diz logo em seguida “quem teme sofrer já está sofrendo porque teme” (Montaigne, 2009, p. 469). Assim sendo, segundo Montaigne, a saúde torna-se mais prazerosa logo após a doença, uma vez que,

[...] assim como os estóicos dizem que os vícios são proveitosamente introduzidos para dar valor e apoio à virtude, podemos dizer, com melhor razão e menos ousada conjectura, que a natureza emprestou-nos a dor para prestigiar e servir a voluptuosidade e a ausência de dor. (Montaigne, 2009, p. 466).

Montaigne segue relatando seus hábitos, seus horários de alimentação, as avaliações do seu sono, os tipos de exercícios físicos aos quais se submete, como costuma dedicar seu tempo e seu modo de vestir-se. Parece contentar-se com o seu próprio destino e aceitar os declínios que a velhice proporciona ao seu corpo. Revela admitir um significativo consolo em sua morte, deseja que ela esteja entre as mortes normais e naturais, e não cobiça o prolongamento de sua vida mais que o normal e natural. Essa perspectiva de contentamento com seu próprio destino remete a conhecida máxima de Epicteto “Não busques que os acontecimentos aconteçam como queres, mas queres que aconteçam como acontecem, e tua vida terá um curso sereno” (Epicteto, 2012, p. 18).

À vista disso, Montaigne condena o pressuposto de que as voluptuosidades naturais são absolutamente ruins, ao passo que reconhece que não devemos render-nos excessivamente a elas. Isso posto, podemos pensar essa inferência como uma crítica indireta ao estoicismo, que é um movimento conhecido por considerar o prazer como inimigo da sabedoria, no qual se almeja o controle de si mesmo e das virtudes. Montaigne discorda da ideia de que os prazeres são inimigos da sabedoria e acredita que a experiência tem papel de alta relevância na busca pelo conhecimento, pois entender a importância da moderação e do conhecimento de si mesmo é o que aparenta ser pertinente para se alcançar a sabedoria. Isso se mostra na seguinte passagem:

Considero desagradar-se das voluptuosidades naturais tão incorreto quanto agradecer-se excessivamente delas. Xerxes era um tolo, que, cercado de todas as voluptuosidades humanas, punha-se a oferecer prêmio a quem lhe propusesse outras. Mas não menos tolo é quem afasta as que a natureza lhe ofereceu. Não é preciso nem segui-las nem fugir delas; é preciso aceitá-las. Aceito-as um pouco mais ampla e favoravelmente, deixo-me levar de melhor grado para a inclinação natural. (Montaigne, 2009, 486).

Nessa perspectiva, Montaigne elogia César e Alexandre, que, no auge de sua grande tarefa, souberam desfrutar sabiamente dos prazeres humanos e corporais, o que de forma alguma tornaram-

nos mais fracos, longe disso, essa é uma prática que enrijece a alma e demonstra sabedoria na maneira de viver. Montaigne reconhece que a solidão verdadeira pode ser alcançada no meio das cortes e dos reis, todavia ela é mais cômoda no completo isolamento (Montaigne, 2009, p. 358). Isso não significa que o mais sábio seja isolar-se completamente do mundo, viver no completo ócio e deixar de viver a sua vida. Logo,

[...] sábios, se tivessem acreditado que aquela era sua ocupação normal e esta a extraordinária. Somos grandes loucos: “Ele passou a vida a vida na ociosidade, dizemos; hoje não fiz nada. – Como assim, não vivestes? Essa não é apenas a fundamental como também a mais ilustre de vossas ocupações – Se me tivessem posto no centro das grandes manobras, teria mostrado o que sabia fazer. – Soubestes planejar e manobrar nossa vida? Cumpristes a maior tarefa de todas”. Para mostrar-se e para atuar a natureza não tem o que fazer da fortuna: ela se mostra igualmente em todas as condições e tanto atrás da cortina como sem ela. Compor nosso comportamento é nosso ofício, e não compor livros: e conquistar não batalhas e províncias, mas sim a ordem e a tranquilidade em nossa condução. Nossa grande e gloriosa obra-prima é viver adequadamente. Todas as outras coisas – não passam de apêndiculos e adminículos, no máximo. (Montaigne, 2009, p. 488-489).

O saber viver bem é o que realmente interessa para Montaigne, mas como podemos saber qual o modo correto de se viver bem? Provavelmente, não é por meio do isolamento absoluto, sem contato com as experiências mundanas, que se aprende como viver nesse mundo. A experiência é o elemento de grande valor, mas aprender de maneira produtiva com a experiência também é um ponto indispensável. Segundo Montaigne, a grandeza da alma não consiste em sempre almejar o impossível, nem a ambição desenfreada, mas reside no ato de reconhecer o que é suficiente e, muitas vezes, preferir as coisas medianas às eminentes. Assim sendo, ele destaca ainda que “de nossas doenças a mais selvagem é menosprezar o nosso ser” (Montaigne, 2009, p. 492). O ser humano é muito presunçoso e costuma desprezar tudo que não é capaz de compreender, ou comumente despreza o que machuca seu ego e fere seus hábitos, de acordo com essa ideia de Montaigne, La Rochefoucauld denuncia a falsidade do desprezo da morte. Em ambos os casos, o desprezo que o ser humano atribui tanto ao seu próprio ser quanto para à morte parece resultado do medo e da falta de conhecimento de si mesmo, e da morte.

É lisonjear-nos pensar que a morte nos parecerá de perto o que imaginamos de longe, e que nossos sentimentos, que são apenas fraqueza, são de uma têmpera bastante forte para não sofrer dano pela mais rude de todas as provas. É também conhecer mal os efeitos do amor-próprio pensar que ele possa nos ajudar a desprezar aquilo que deve necessariamente destruí-lo, e a razão, na qual pensamos encontrar tantos recursos, é muito fraca nessa ocasião para nos convencer do que queremos. Ao contrário, é ela que no mais das vezes nos trai, e que, em vez de nos inspirar o desprezo da morte, serve para nos revelar o que tem de pavoroso e terrível. (La Rochefoucauld, 2014, p. 76-77).

De encontro a ideia proposta por Montaigne, sobre o desprezo da vida, Matias Aires em seu livro *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, afirma que “no desprezo da vida é onde a vaidade se mostra altiva e arrogante” (Aires, 1993, p. 61). A vaidade surge a partir da razão humana, segundo Aires, somos vaidosos à medida que somos racionais. A vaidade faz com que o ser humano acredite que merece tudo no mundo, e que é superior por acreditar na superioridade de sua razão. Diante dessa citação, volto novamente ao ponto do ensaio “A apologia de Raymond Sebond”, a razão, tão estimada pelo ser humano, que o faz sentir indiscutivelmente superior a outros seres, deixa-o na mão e o trai, e ao invés de inspirar o desprezo, apenas é capaz de revelar a sua mediocridade e a sua presunção.

Montaigne defende que a vida é estimável e agradável. Por mais que admita o sofrimento que existe no mundo e as dores que atingem o ser humano, ele diz que “só podemos culpar a nós mesmos se ela pesar-nos e se escapar-nos inutilmente” (Montaigne, 2009, p. 494). A teoria de valorizar a vida é muito bonita, no entanto, afirmar que, se a vida me pesa e se escapo dela inutilmente, a culpa é exclusivamente minha, soa-me como forçar a barra. Nesse ponto, estou mais em concordância com Schopenhauer, que diz,

[...] a este mundo, palco de seres atormentados e angustiados, que só conseguem subsistir se se entredevoram, mundo em que, portanto, cada animal voraz é a sepultura viva de milhares de outros

e a própria autoconservação é uma cadeia de martírios, mundo em que a capacidade de sentir dor aumenta com o conhecimento, capacidade que, portanto, atinge o seu mais alto grau no humano, e tanto mais quanto mais inteligente ele é, – a este mundo, ia dizer, foi feita a tentativa de adaptar o sistema do otimismo e demonstrar tal mundo como o melhor dos mundos possíveis. // O absurdo é gritante. (Schopenhauer, 2015, p. 693).

No fim do ensaio, Montaigne cita mais uma vez a figura de Sócrates, que concede o devido valor à voluptuosidade corporal e a temperança caracteriza-se como moderadora, e não adversária das voluptuosidades. Montaigne sugere que é de uma perfeição absoluta, até mesmo divina, saber desfrutar lealmente de seu ser e conclui o ensaio com uma bela sentença carregada de ironia:

Aliás, nos é muito proveitoso subir em pernas de pau, porque sobre pernas de pau ainda temos de caminhar com nossas pernas. E no mais alto trono do mundo ainda estamos sentados sobre o nosso traseiro. (Montaigne, 2009, p. 501).

### CONCLUSÃO

Enquanto no ensaio “Apologia de Raymond Sebond” Montaigne se ocupa com os perigos e as artimanhas da razão, no ensaio “Da experiência” encarrega-se em analisar o equivocado valor que se atribui a experiência como sendo suficiente por si mesma. Desse modo, o filósofo demonstra que tanto a razão quanto a experiência não bastam a si mesmas e ao usá-las de maneira isolada o risco do autoengano é muito grande. Por conta disso, o autoconhecimento parece ser um elemento de fundamental importância para que saibamos usar a experiência como meio de aprendizado, pois esta por si só, não basta, afinal, de nada serve se não for utilizada e interpretada de modo sábio. Tendo em vista que Montaigne condena o pressuposto de que as voluptuosidades naturais são absolutamente ruins, ao passo que reconhece que não devemos render-nos excessivamente a elas, penso que categorizar Montaigne como “o filósofo da volúpia” seria um exagero. A filosofia montaigniana tem muito mais relação com ser moderado do que com ser refém da voluptuosidade. A sabedoria está presente no autoconhecimento, em conhecer o seu próprio temperamento, para assim reconhecer as voluptuosidades naturais as quais está propenso e saber moderá-las de acordo com suas necessidades, pois até mesmo o excesso de virtude é considerado um vício para Montaigne.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIRES, Matias. *Reflexões sobre a vaidade dos homens*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- CÍCERO. *Saber envelhecer seguido de A amizade*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2021.
- EPICTETO, de Hierápolis. *O manual de Epicteto*. Trad. Aldo Dinucci e Alfredo Julien. Universidade Federal de Sergipe, 2012.
- LA ROCHEFOUCAULD. *Reflexões ou sentenças e máximas morais*. Trad. Rosa Freire D’aquiar. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.
- MONTAIGNE, Michel de. *Essais I*. Paris: Gallimard, 2009.
- MONTAIGNE, Michel de. *Essais II*. Paris: Gallimard, 2009.
- MONTAIGNE, Michel de. *Essais III*. Paris: Gallimard, 2009.
- MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaio*s Vol. I. Trad Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaio*s Vol. II. Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaio*s Vol. III. Trad Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a sabedoria de vida*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2015.

PLUTARCO. *Como distinguir o bajulador do amigo*. Trad. Célia Gambini. São Paulo: Scrinium, 1997.

SÉNECA, Lucio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Trad. J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2021.

VAUVENARGUES. *Reflexões e máximas*. Trad. Hély de Buchard e Fúlvvia Maria Luiza Moretto. São Paulo: UNESP, 2006.

